

mudar  
a

vida

publicação do graal

- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*

## PARA UMA SOCIEDADE ÉTICA

### OS QUATRO D

O mal-estar social que por toda a parte se faz sentir define-se essencialmente por quatro aspectos: a desmedida, a uniformidade, a centralização e, finalmente, a desumanidade. Cabe, pois, àqueles que acreditam numa sociedade alternativa, propor a estas características quatro antídotos, a que poderemos chamar «os quatro D»: dimensão humana, diversidade, descentralização e direitos do homem.

#### DIMENSÃO HUMANA

Referimos em primeiro lugar a **dimensão humana**, dado que as estruturas em que estamos inseridos se tornam cada vez mais gigantescas. Megalópolis, multinacionais, superburocracias — por toda a parte reina a desmedida. Tudo deixou de ser à escala do homem, que se sente irremediavelmente perdido, laminado, esmagado, pequenina roda de uma máquina imensa. Mesmo sem proclamarmos, como Ernst Schumacher e outros radicais anglo-saxões, que «small is beautiful», é preciso termos a coragem de praticar a auto-limitação, reencontrar um sentido da medida e redimensionar a sociedade à medida do homem.

Trata-se de uma tarefa possível. Basta travar o êxodo para as grandes concentrações urbanas, fonte de violências e de inúmeros danos. Basta favorecer cada vez mais as cidades médias, centros de convivência. Basta encorajar os que querem viver na província, incitando seriamente a criação de empresas novas, descentralizadas, à dimensão humana.

Este redimensionamento das nossas actividades deveria inspirar a acção pública e fazê-la actuar de modo mais dinâmico e decidido, quer se trate dos inúmeros ministérios envolvidos — economia, indústria, trabalho, etc. — quer de outros organismos públicos ou privados, ou mesmo dos planos de desenvolvimento global.

#### DIVERSIDADE

A segunda linha de orientação a seguir é a da **diversidade**. Diversidade a reconquistar, pois as organizações gigantes para funcionarem preferem que os seus elementos de base — quer dizer, os indivíduos — sejam estandardizados e permutáveis. Preferem que cada um seja igual aos outros: banalizado, calibrado, programado.

Um projecto de sociedade alternativa recusa uma sociedade sem alma e sem cor, passada ao ferro nivelador da uniformidade. Quer, pelo contrário, o desenvolvimento das diferenças. Encoraja todos os grupos minoritários e culturas regionais, subtraindo-os à tutela cultural do estado central. Nada mais saudável do que verificar que uma determinada região pretende afirmar a tradição e a cultura que constituem a sua personalidade própria, a sua verdade singular, no respeito da unidade nacional. A sociedade nova deve ser uma sociedade voltada para a experimentação, favorecendo toda a espécie de experiências não conformistas: escolas novas, rádios locais, habitat comunitário, etc.

Tal estratégia de experimentação partirá, sem dúvida, da base. Assim, o terceiro princípio é, obviamente, o da **descentralização**.

#### DESCENTRALIZAÇÃO

Estamos todos cansados dos grandes aparelhos centrais, ávidos de ter tudo na mão, ansiosos por pôr tudo em ordem a partir de cima. Cansados dos «capatazes» e dos «grandes patrões». Cansados do estado obeso que abafa a sociedade civil como uma pesada chapa de chumbo. Quem se não dá conta disso?

Um projecto de sociedade alternativa deve, antes de mais, restituir ao Estado e à democracia o lugar que lhes compete. Deve esforçar-se por fazer existir

uma verdadeira democracia, quotidiana e local — uma democracia de base e não de cúpula. Em vez de construir novas casernas de poder, o que é preciso é reaninhar pequenas unidades como a comuna e a região.

Assim, a região, de simples parcela tecnocrática, deve passar a ser concebida como um novo espaço democrático, uma nova colectividade territorial, com uma assembleia eleita por sufrágio universal directo e um executivo saído dessa assembleia. Com verdadeiros recursos e competências, para assegurar eficazmente o desenvolvimento económico e social, para pôr em marcha a gestão dos equipamentos colectivos e para desempenhar um papel motor na luta contra o desemprego.

#### DIREITOS DO HOMEM

Uma democracia viva é uma democracia humana. O seu último e principal imperativo não pode ser outro senão o dos direitos do homem. Como se pode, de facto, permanecer estranho a este vasto movimento que abala a opinião pública internacional?

Quando os países ocidentais vendem armas ao terceiro mundo, quando exportam a morte a povos que morrem de fome, como poderemos calar-nos?

Quando, no Camboja, se contam por centenas de milhar as vítimas do novo poder, como poderemos calar-nos?

Quando as prisões da Argentina se fecham sobre incontáveis prisioneiros políticos ou quando a guerra civil alastra na Nicarágua, como poderemos calar-nos?

Pertencemos nós à camada dos cidadãos respeitáveis, embuidos de reverência para com o poder estabelecido, mesmo que esse poder se apresente coberto de sangue e de galões? Estaremos nós surdos às desgraças dos homens?

E no entanto, nada há de pior do que o silêncio. Porque calar é consentir. Porque à força de nos calarmos acabamos por perder o direito à palavra e à liberdade. Deixaremos então de fazer ouvir a nossa voz neste mundo gelado e fúnebre.

#### UMA MUDANÇA RADICAL

Seria irrisório pretender que estas quatro aspirações — dimensão humana, diversidade, descentralização, direitos do homem — fossem o monopólio de uma qualquer organização. Trata-se de perspectivas largamente partilhadas por diversas forças sociais, desde há muito lançadas ao trabalho e à renovação. Pensemos nas forças políticas e sociais que recusam a social burocracia e desenvolvem um projecto socialista autogestionário e descentralizador. Pensemos nas associações, grupos ou comunidades de base, que experimentam modos alternativos de vida e de relação.

Todos estes grupos têm a mesma ambição: recivilizar a civilização industrial, hoje degradada pela internacional tecnocrática. Arrancar a independência aos grandes aparelhos de dominação que transformam o homem em matéria-prima da economia ou da história, subtraindo-o à manipulação da «santa aliança» dos grandes poderes.

Trata-se, no fundo, de re-introduzir no campo da política um certo número de valores éticos: a liberdade, a compaixão e, quem sabe, a esperança.

Talvez seja um projecto demasiado ambicioso. Mas a política, sem a moral, não é nada.

*R. G. Schwartzberg  
in «Le Monde»  
Paris, 27-9-78*

#### PONTO ZERO?

Algumas pessoas dirão que voltámos ao ponto zero. Passados três séculos de uma economia francamente ascendente e de crescente domínio das forças da natureza confrontamo-nos de novo com o problema de vivermos **dentro de limites** tentando partilhar esses limites de forma equitável.

Foram-se as ideologias — revolucionárias ou modernizantes — que procuravam a resposta para os problemas humanos no dinamismo da própria mudança. Estamos de novo atirados para o reino da ética e, portanto, da teologia, mesmo quando continuamos a utilizar a linguagem da ciência e da economia.

Mas será realmente o ponto zero? Do período de apogeu das realizações humanas não nos restará de facto nada que nos aguente na crise de hoje? Terão razão os que afirmam que as instituições democráticas caminham para o declínio e que não aguentarão as pressões impostas pela redistribuição de recursos limitados? Será verdade que todas as teorias que defendem a tolerância e os direitos individuais foram apenas a super-estrutura moral de uma sociedade em período de expansão e crescimento?

Estamos de novo confrontados com problemas de justiça distributiva, tendo desmascarado a ilusão de que a avareza humana se pode reconciliar com a igualdade social pela multiplicação infinita da produção de bens. Durante algum tempo pensámos que essa reconciliação era possível. Tanto os países capitalistas como os países socialistas acreditavam firmemente na ausência de limites para a expansão da capacidade que o homem tem de dominar a natureza e de responder às necessidades elevando progressivamente os níveis de produção económica.

A justiça era então olhada como uma forma de controlar o processo, atribuindo aos pobres os meios mínimos necessários para fazerem ouvir a sua voz e beneficiarem de algum modo da «promessa». Ora hoje perdemos essa «promessa». Olhamo-nos uns aos outros com plena consciência de que vivemos num mundo finito onde a riqueza de uns é razão de ser da pobreza de outros. A questão económica com que nos confrontamos é também uma questão espiritual: como deverão os bens materiais limitados que Deus nos confiou — matérias-primas, fontes de energia, água, ar e solo fértil — ser distribuídos entre os habitantes do planeta hoje e em gerações futuras?

*Charles West  
in «The Ecumenical Review»,  
W.C.C., Janeiro 1975*

*Como descrever-vos a nossa vida? Julgá-la-eis certamente uma vida banal e mesquinha. Porque a nossa primeira tarefa é sobreviver.*

*Estamos desprovidos de tudo. Condenados, portanto, a retomar a vida na sua origem, através das coisas mais humildes: ir buscar água, procurar alimento, proteger-nos do frio. O próprio ar é tão diferente que temos que reaprender a respirar.*

*Durante algum tempo ficámos como que sem linguagem e sem pensamento; sentiamo-nos tão forte e rudemente misturados aos elementos — o mar, o vento, a lama do rio, a floresta áspera, o solo duro — que todas as nossas forças por aí passavam. Como nos pareciam longe as velhas preocupações do bem pensar e do bem dizer, das verdades a transmitir, das boas regras a fazer observar!*

*É isso: tornámo-nos selvagens. Mesmo a razão de ser da nossa caminhada passou algum tempo no esquecimento.*

*Não penseis, no entanto, que nos deixámos reduzir simplesmente ao estado de brutos. O que se passou foi outra coisa. O nosso esquecimento foi uma longa germinação, no mais fundo de nós mesmos, daquilo que julgávamos saber; agora, sai da terra uma planta nova que brota dessa profundidade. A nossa selvajaria é um poço subterrâneo donde começam a despontar pensamentos novos e uma linguagem diferente.*

*Durante muito tempo julgámo-nos no exílio. Suspirávamos em segredo pelo regresso. Sim, éramos aqueles navegadores que tendo partido em direcção à Índia descobriram a América, deixando atrás de si a pátria querida. Encontraram aquilo que não procuravam e permaneceram filhos da terra donde vinham. Também nós habi-*

*tamos agora um novo continente. E é por isso que não guardamos para com o país que deixámos nem sentimentos de hostilidade nem de amargura; estamos-lhe reconhecidos — sem as suas misérias, a sua injustiça, as suas tiranias sem força, a sua ordem sem rigor, sem isso tudo teríamos nós partido para um país feliz?*

*É por isso que vos escrevemos fraternalmente. Não vivemos já a exaltação da partida nem os desesperos violentos do mar parado e sem vento, nem a luta furiosa contra a tempestade que tudo arranca e encaminha o navio para o abismo da morte. A nossa vida é humilde e tranquila. Activamo-nos como formigas, penetramos o solo como toupeiras, abrimos sulcos, reunimos materiais e fazemos construções como o castor.*

*As nossas casas são modestas, as nossas cidades frugais. Para quem vem do velho mundo à procura do eldorado, a decepção é severa. Aqui, é preciso trabalhar, contentar-nos com pouco, alegrar-se com pequenas vitórias. Impossível repousar saudosamente no passado, nos haveres depositados em bancos, nos tesouros amassados ao longo de séculos, nos costumes, nas leis, nas sabedorias, nos livros guardados em longas estantes de bibliotecas, nos mestres reconhecidos, na boa educação, no poder securizante dos príncipes. Aqui, cada qual tem que cuidar de si mesmo. Nada está definitivamente ganho: inventar, criar, recomeçar, é o pão quotidiano.*

*Em resumo, somos pobres. É por isso que o futuro nos pertence.*

*Maurice Bellet  
in «Les Survivants»  
Gallimard, Paris 1974*

## CIÊNCIA SEM CONSCIÊNCIA

O papel dos economistas na sociedade não pode ser concebido independentemente de uma referência ao sentido dado à vida e à sua evolução na terra. É inconcebível pretender isolar a reflexão económica das questões vitais e fundamentais, enquanto outros domínios do pensamento são, pela sua própria natureza, constantemente confrontados com o problema das origens e das finalidades do homem.

Por um estranho concurso de circunstâncias, os economistas têm conseguido escapar a esta interpelação. Ao longo de dois séculos de construções analíticas, a reflexão filosófica foi por eles abandonada em benefício de um «rigor» de raciocínio essencialmente fundado sobre o uso crescente de fórmulas matemáticas. Deste modo, os teóricos convenceram-se da espe-

cificidade da sua disciplina, empobrecendo-a de uma dimensão crítica que lhe teria sido de grande utilidade. Liberta de todos os entraves, a ciência económica iria impor-se a todas as outras disciplinas e encontrar por si própria as vias do seu desenvolvimento. O isolamento a que ficou votada deu-lhe uma ilusão de singularidade que lhe confere privilégios especiais.

A «ciência económica» aparece assim como um epifenómeno em relação às finalidades do homem. Os economistas liberais recusam-se a falar daquilo que consideram estar fora do seu campo de análise. Para eles a metafísica é um domínio da especulação sem relação com a produção e a distribuição das riquezas. Por seu lado, os teóricos do marxismo não hesitam em tomar posição: as finalidades da espé-

cie são puramente terrestres e é esta tomada de consciência que deve constituir o ponto de partida para uma libertação completa das forças que entravam a marcha dos homens para a felicidade.

Torna-se assim evidente o imenso erro dos economistas que pensam que a sua «ciência» comporta uma racionalidade intrínseca e que esta é capaz de resolver os problemas das nossas sociedades e de promover a felicidade dos homens.

Numa época da história do mundo onde seria necessário verificar-se um progresso na **consciência ética** face à complexificação crescente dos fenómenos humanos, os economistas não assumem o papel que lhes deveria caber enquanto líderes da organização social. Abandonando todo o sentido do profetismo, fecham-se em escolhas de carácter puramente contingente. A sua indigência no domínio espiritual torna-se cada vez mais clara e acabará por cobri-los de vergonha ao sentirem-se ultrapassados nos seus dogmas.

A evolução recente e fulgurante das grandes organizações, a mundialização do fenómeno económico, teriam exigido um esforço sem precedentes de reflexão

sobre as interdependências e os interesses mútuos dos homens. Torna-se cada vez mais óbvio que a continuação das rivalidades e das lutas armadas não poderá deixar de acarretar consigo a destruição de uma grande parte da espécie. E no entanto os nossos caros teóricos parecem esquecer esta ameaça evidente. Será que ela não tem qualquer relação com as suas análises?

A humanidade é vítima de feridas profundas causadas pela oposição de interesses. Desde que os valores morais cederam o lugar às ideologias, os homens lutam pelos seus interesses pessoais sob a cobertura de utopias enobrecidas por proclamações de intenção edificantes. Os economistas dirão que a sua tarefa não é servir a moral mas servir a ciência. Tal posição não é, porém, senão o reflexo de uma demissão espiritual que afasta as interrogações mais fundas do homem sobre o porquê e o para além da vida.

*Philippe Bouhours*

*«Demain quelle société...»*

*Pneumathèque, Paris 1978*

## FELIZES OS QUE...

*Por estranho que pareça o Sermão da Montanha dá-nos instruções extremamente precisas sobre o modo como poderemos caminhar para uma economia de sobrevivência adaptada às exigências do nosso tempo.*

- Felizes os que sabem que são pobres porque deles é o reino dos céus;
- Felizes os que são lúcidos sobre os sofrimentos deste mundo porque serão consolados;
- Felizes os que têm um coração manso porque possuirão a terra;
- Felizes os que têm fome e sede de justiça porque serão saciados;
- Felizes os que constroem a paz porque serão chamados filhos de Deus.

*Pode parecer despropositado relacionar estas bem-aventuranças com assuntos ligados à tecnologia e à economia. Mas não teremos antes que reconhecer que nos deixámos chegar ao ponto em que estamos precisamente por não termos sido capazes, durante tanto tempo, de estabelecer esta relação? Não é difícil discernir a*

*mensagem que as bem-aventuranças encerram para nós, hoje:*

- começamos, finalmente, a apercebermo-nos que somos pobres, limitados, e não semi-deuses;
- tomamos consciência dos sofrimentos que abalam a humanidade e, na luta contra esses sofrimentos, encontramos a nossa consolação;
- verificamos que a não violência e a mansidão são os antídotos necessários à escalada da violência e acreditamos que elas nos conduzirão a uma maior fraternidade;
- alargamos o nosso conceito de justiça e admitimos pela primeira vez que só quando todos tiverem os seus direitos reconhecidos o mundo ficará saciado;
- sabemos que só através de tudo isto seremos construtores da paz e assim chamados filhos de Deus.

*E. F. Schumacher*

*in «Small is Beautiful»*

*Abacus, London 1976*